

3 MAI 1987

itica

No Estado do Rio

ANC PAG-2

O País está cansado de Malazartes e Maquiavéis

O Rio sabe que a Constituinte empacou, não anda, rendida obviamente ao medo de pequenos agrupamentos "canhotos" que querem, a todo custo, impingir ao natural sentimento liberal brasileiro um texto de Lei Magna socializante, casuísta e estatizante. A intoxicação é geral: os mais tolos pretendem sempre ser os mais avançados e "progressistas". Senado e Câmara, em Brasília, deviam, contudo, receber pelo correio diariamente, de agora em diante, cópia desse estupendo e singelo documento que foi a palestra, em São Paulo, do político e intelectual francês Alain Peyrefitte.

O Rio e o Brasil continuam, assim, imobilizados. Terrivelmente imobilizados pelas algemas da tal Novíssima República, onde os modernos "estadistas" parecem mais do que pressurosos em ressuscitar mágicas e estilo do falecido sr. Getúlio Vargas — não escapando dessa tentação sequer o presidente José Sarney, que disputa com o sr. Leonel Brizola as "manhas" do fundador do Estado Novo.

Não faz um mês do aniversário de morte do historiador José Honório Rodrigues, liberal "à esquerda", mas que tinha bastante juízo e agudeza de espírito. Honório observou muito bem em seu livro "Vida e História" que o brasileiro em geral é um povo simplesmente "anti-ideológico", cujos legisladores, nas horas de transformação, se "uns querem conservar demais, outros querem desembaraçar-se de tudo", quando os momentos frutíferos (como o da presente transição, após o fim do autoritarismo "centro-esquerda" dos militares e tecnocratas), os momentos verdadeiramente criadores "são aqueles em que se ajusta o equilíbrio entre as duas forças". Pois no Brasil — acrescenta o historiador desaparecido — "nunca houve compromissos ideológicos, mas sim os dilatatórios ou formais, que apenas ganham ou perdem tempo, sem resultar em decisões objetivas e, neste caso, sua significação histórica é representar uma política débil, derrotista e retardatária".

Não é, aliás, o Brasil, desde 1930, o campo de cultura ideal da proliferação de primeiros mandatários fisiológicos e populistas, sempre e sempre descompromissados com a seriedade que deve presidir o encaminhamento e o comando das coisas da República?

Como explicar que um antigo "udenista", como Sarney, nutra, na intimidade, não apenas um acentuado culto pelos "tambores de São Luís" e outras coisas místicas, mas também astrológicas, ao mesmo tempo em que reserva a ditadores populistas, como Peron e Vargas, boa parte da sua não pequena admiração de homem público, e também de provinciano e intelectual "de sucesso", no plano nacional?

Assis Chateaubriand, que sucedeu ao "chefe nacional" do Estado Novo na mesma Academia de Letras

de que é membro o sr. Sarney, e conheceu, como poucos, o "fauno dos pampas", disse, a propósito, certas coisas definitivas sobre a ambígua e fluída personalidade de Vargas, oportuníssimas ainda nos dias correntes. Que Vargas, por exemplo, só venceu onde foi indiscutível o fracasso da nossa frágil estrutura democrática republicana — e só pulou, como um impiedoso Saci Pererê, sobre destroços originários dos constantes "atos de imprudência e irreflexão" de certos falsos bonifrates "liberais" e que aqui se transformam em líderes de um dia para o outro.

Vargas, dizia ainda o velho chato, "nunca teve, nem o quis, programas, postulados ou doutrinas". Foi toda a vida um intérprete fluído da vida e dos acontecimentos. Ele não falava para o povo: oficiava como um sacerdote. Era um sonâmbulo. Não era um afirmativo. Não apoiava, não falava. Um criador de enigmas, equívocos e contradições. Era-lhe grato fazer a figura de Malazartes, no meio dessa maioria inorgânica de descontentes e de incontentáveis, que são as tabas políticas brasileiras, onde o que predomina é o erotismo das paixões pessoais, na cupidiz dos interesses particulares. Ele faz ou manda fazer constituições para atender apenas à superstição de legalidade das elites, nada mais. Para Getúlio, enfim, o "Estado popular é o Estado que se torna visível e sensível no seu 'chefe'. O Estado Novo, não era para ele uma doutrina. Era um fato". E ele "era (também) um fauno todo o dia disposto a comer um prato de legalidade, cozido pelos outros".

Não lembra tudo isso o que anda por aí? Fora ou dentro do Planalto? Uma Constituinte em fase de "fogo lento", e um "Estado de Direito" que ainda sobrevive às custas de uma legislação autoritária? Uma economia de mercado sob os mais rígidos e brutais controles do intervencionismo estatal? Uma maioria parlamentar, maciçamente democrática, mas de joelhos diante dessa minoria atrevida de socializantes, sem votos e sem nenhuma repercussão entre os verdadeiros produtores de riqueza no País?

Se há bons líderes enrustidos, não devemos recusar a um deles — desde que democrata e liberal de fato — a hipótese do sonho. Afinal, sem um pouco de imaginação ou de esperança, será impossível transformar em Canaã esta realidade sofrida que temos vivido há tanto tempo. Mas esse líder que se defina proclamação do viável, na busca do possível. Que saiba falar e ouvir, ordenar e compreender, e fique acima de qualquer enlelo. Aulicos e Rasputines já estão fora de moda. Agora, é preciso simplificar tarefas e delegar poderes somente aos que realmente se preocupam com a imagem do Brasil, antes de sua imagem pessoal. Aos que olham para o futuro e não para o espelho.

(N.M.)